

a missão da juventude



O texto escrito à mão, com as várias emendas e correções, está pronto para ser datilografado. Levo fé na velha máquina de escrever - uma ranzinza e obstinada *Underwood*. Posiciono três folhas tamanho ofício, separadas por duas de carbono, giro o rolo, destravo, alinho o papel, torno a travar.

Tomo fôlego e começo a teclar: “*A missão da juventude no mundo de hoje*”. Como ainda não existe xerox e devo apresentar seis cópias do texto, sou obrigado a bater todo o trabalho duas vezes. É o último dia de inscrição, o prazo se encerra às 17 horas. Apesar da ansiedade, consigo concluir a tarefa e chegar à sede do *Jornal dos Sports*, entregar o envelope pardo com o pseudônimo e receber o protocolo numerado – pela minha pouca confiança na vitória, quase um bilhete de loteria. Portanto, só me resta cruzar os dedos e esperar o resultado.

Graças aos estudos na faculdade, às variadas leituras e a conversas com professores, já não tenho, como em 1967, uma visão tão extremada do mundo.

Na redação, afirmo que, mesmo parecendo utópico, meu sonho é aprender sobre os vários povos e civilizações, é viajar para compreender o modo de viver e de sentir de cada cultura e, assim, buscar o entendimento ou, pelo menos, a convivência pacífica entre os contrários – a começar pelos meus. Porque, se o adolescente de formação católica me puxa para um lado, o adolescente de ideias libertárias me leva na direção oposta. Estamos em 1969! Como ficar imune à mobilização promovida pela contracultura e a seus subversivos padrões de comportamento? Como conciliá-los com os padrões que me foram transmitidos? Mesmo no catolicismo, quem me inspira é Teilhard de Chardin, Hélder Câmara, Tristão de Ataíde – que me ensinam a importância do diálogo, do respeito aos diferentes modos de pensar, mas também me atizam os questionamentos e as revoltas.

17 de dezembro de 1969. Vibro muito mais quando leio o meu nome na relação dos dez finalistas do que quando, dias depois, sou anunciado como um dos dois vencedores do concurso. Para mim, ser um dos dez entre 1.435 candidatos foi bem mais emocionante do que ser o primeiro entre dez.

A partir do resultado, o que me entusiasma é a possibilidade de me aventurar em terra estrangeira, morar com uma família americana e depois viajar sozinho pelos Estados Unidos.

Na época, os meios de comunicação ainda eram bastante precários. Ligações internacionais? Nem pensar. Além dos preços exorbitantes, precisavam do auxílio de telefonistas e levavam horas para ser completadas. As cartas, com sorte, demoravam uma semana para chegar. As respostas, portanto, 15 dias! Assim, durante toda a viagem, fiquei praticamente incomunicável. Para um adolescente de 18 anos, o paraíso na Terra, a liberdade total!